

Alcochetanos

"A vida era dura! e o trabalho, também!"



◀
Um aspecto
da descarga
do carvão

Eram e ficaram conhecidos como Alcochetanos aqueles que, de cada vez que chegava ao Tejo um barco com carvão para a Central das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, vinham de armas e bagagens efectuar a respectiva descarga.

As armas eram uma canastra para transportar à cabeça e uma rodilha para lhe pôr por baixo. A bagagem era uma manta (ou esteira), porque era preciso ficar muitos dias – às vezes mais de um mês! – na descarga do carvão e a ir e vir gastavam-se muito tempo e dinheiro.

Era um trabalho duro, aquele. Tal como a vida, aliás. No início, quem se encarregava da contratação era o Sindicato. Depois, acabou o Sindicato e fundaram as Casas do Povo (a de Alcochete foi fundada em 15 de Abril de 1943).

Quando os barcos com o carvão chegavam a Belém, ao largo da Central Tejo, a Casa do Povo "chamava" o pessoal. Quem começou por fazer a chamada foi o Manuel Carapinha. Após o falecimento deste, o encarregado deste trabalho passou a ser o José Espiga – que lá ia apregoando bem alto pelas ruas que eram precisos homens para irem até à margem norte do Tejo descarregar carvão para a Central.

A fim de serem elegíveis para este trabalho, os alcochetanos tinham que ser sócios da Casa do Povo, ter as quotas em dia e terem colocado o seu nome na lista dos que queriam trabalhar no transporte do carvão. Mas havia ainda outros critérios de escolha – que tinham, por exemplo, a ver com justiça relativa: eram colocados em primeiro lugar na escala aqueles que, tendo respondido aos "pregões", tivessem, até ao momento, menos dinheiro ganho a trabalhar naquelas funções.

Duro, mas desejado

E ganhava-se bem, a transportar carvão à cabeça... Muito concretamente, ganhava-se "o jornal" a

55\$00, pagamento-base. Nas salinas a paga era de 26\$00 por dia. E na seca do bacalhau os homens eram retribuídos a 19\$00/dia e as mulheres a 17. Por isso as pessoas procuravam ir para o carvão: "A vida era muito difícil e então o pessoal estava sempre a desejar que viesse uma levada de carvão. Sempre se pagava um mês da renda de casa; ou o rol do pão que não estava pago ainda, o que fazia com que o padeiro já não fornecesse pão, também..."

Era ainda possível que ao "jornal" fosse adicionada uma pequena quantia: os fiscais das CRGE chamavam, aleatoriamente, uma amostra de alcochetanos e pesavam-lhes as canastras. Se o resultado fosse considerado positivo – ou seja, se a canastra estivesse bem atestada, "sempre vinha mais algum..." Uma canastra transportava cerca de 40 kg de carvão – o que era também uma vantagem relativamente ao trabalho nas salinas, cujas canastras eram maiores e carregavam 50 kg de sal...

O pior era se chovia muito: "não se trabalhava, não se ganhava!...". Mas se já se tivesse sujado as mãos e os pés "podia chover a cântaros que o jornal já ninguém nos tirava..."

Oito horas intensas

Curiosamente, as canastras era o vapor de Alcochete a levá-las para a Central Tejo. E isto porque não lhes era permitido transportá-las no carro eléctrico – um dos transportes que os alcochetanos utilizavam para ir trabalhar.

Chegados ao trabalho, eram oito duras horas que os esperavam: das 8 às 12 e das 13 às 17. Às vezes havia serões e trabalho nocturno, mesmo. Bastava que algum barco chegasse e tivesse que partir rapidamente – como acontecia com frequência durante a II Guerra. Chegaram a parar o trabalho apenas às 4 da manhã!

Quanto à organização do trabalho, se fosse por exemplo cem os homens envolvidos na descarga, dez eram "para encher", isto é, para trabalhar só

com a pá. Um trabalho feito pelos mais velhos, alguns com mais de setenta anos!, "muito abati-dos da vida que levavam."

Quanto ao material, só as pás eram das CRGE. (E havia-as novas e velhas, já todas "ratadas" de tanto baldeamento de carvão fazerem. E a corrida dos que iam "encher" era a estas, claro: levavam menos carvão...) O resto era tudo dos alcocheta-nos: canastras, rodilhas, "fatos de trabalho" (a própria roupa que tinham vestida), mantas. Arre-cadavam tudo num grande armazém que pertencia ao Tio Artur do Altinho, um taberneiro dali de perto da Central.

Quanto às condições de trabalho, bem... Chega-vam a estar nas descargas mais de um mês e alguns nem iam a casa aos fins-de-semana... O trabalho era intenso e a dormida era na nave da própria Central ou no prédio do Ferrador do Altinho. Num lado como noutro as condições eram muito sofríveis, diga-se... "As roupas voltavam a casa completamente negras e repletas de pulgas e percevejos!" E um pouco por toda a parte apare-ciam "ratos maiores que gatos..."

"Havia um carvão que era miudinho e não fazia pó. Mas havia outros carvões mais difíceis. Como, por exemplo, um carvão alemão que aparecia na forma de pedras grandes que quando se partiam pareciam vidro a estilhaçar e enchiam tudo de pó negro."

Sempre a correr

O trabalho era feito sempre a correr, de um lado para o outro, em grande azáfama.

Quando os barcos eram maiores, ficavam no meio do Tejo e o carvão era passado para fragatas ou batelões que encostavam ao cais. O pessoal car-regava, daí, o carvão à cabeça para as carroças que estavam em cima da muralha e que, por sua vez, o levavam para pôr nas pilhas ou para ir direc-tamente para os fornos.

A razão pela qual o carvão era "descarregado à cabeça" era a distância a que os navios tinham que ficar do cais. "Há uma rampa grande no cais da Central Tejo e há um grande pé-ré [uma pedra solta muito estendida] que torna impossível que os barcos atraiquem ali. Por isso os barcos tinham que ficar desviados um bom bocado. O carvão era descarregado do navio através de paus de carga. E depois a fragata andava a um lado e ao outro, não podendo fugir da posição do cavalete. As pranchas estavam fixas, mesmo atadas com um cabo de corda, cá acima a uma argola, presa na muralha para não deixar a prancha descer."

Era ainda grande a distância que havia que ven-cer, a pé, canastra à cabeça.

"Era preciso saber 'pranchar'! Na baixa-mar, quando era 'água pequena', não havia grande desnível; mas quando era 'água grande' (marés vivas) o rio descia mais. Por isso a fragata estava

completamente lá em baixo, era sempre a subir! Ao contrário, quando a água estava alta, quando havia preia-mar de quatro, cinco e seis horas, de 'águas grandes', o carvão chegava a ser carrega-do a descer, da fragata para o cavalete!"

Um esforço partilhado

A melhor hora era, talvez, a hora do almoço. O cansaço ainda ia a meio e havia um espaço para a confraternização, para o convívio, para a partilha.

Quatro homens juntavam-se, comprava-se um litro de grão, quatro postas de bacalhau (naquele tempo o bacalhau era a 12\$50 o quilo). Cozia-se o grão dentro de umas latas grandes (das que vinham com 5 quilos de manteiga, dos Açores). Punha-se tudo dentro de um alguidarzinho de bar-ro e os quatro homens comiam ali.

"Não havia tempo para vir comer cá fora. E os que não 'rachavam' compravam um cachucho frito e um pão de meio quilo e era o almoço deles. Uns bebiam meio litro de vinho, outros bebiam um quartilho... Era conforme! Estava-se lá era para poupar, não se podia gastar muito!..."

É uma história que fica, de um tempo em que o pensamento dominante era ter esperança de que dias melhores se avizinhassem. E avizinharam: "Hoje a vida também não é fácil... Mas nem vale a pena fazer comparações!" ■



◀
Vitorino José Amarelo (à esquerda) António Fernandes (à direita)

Quem nos contou esta história foram o António Fernandes, 69 anos, e o Vitorino José Amarelo, 81. O primeiro é mais conhecido por António Manso ("Desde o meu bisavô, somos todos conhecidos por Mansos; e quanto mais para a frente, mais mansos somos!"). Nasceu praticamente dentro de um barco; ainda gatinhava e já entrava e saía de embarcações, "pelo seu pé". Trabalhou sempre no mar: primeiro na Marinha Mercante; depois por conta própria. Actualmente é reformado pela Caixa das Conservas.

Vitorino Amarelo lembra-se que o primeiro ordenado que ganhou, já como homem, foi nas salinas e era de 20\$00/dia. Na descarga do carvão, tanto baldeava à esquerda como à direita, o que lhe dava a vantagem de poder preencher qualquer vaga que houvesse para encher canastras – trabalho sempre preferido porque obviamente muito mais leve que o de carregar... Desde os 25 anos que trabalha na Casa do Povo de Alcochete. E agora, já reformado, lá continua a dar a sua colaboração.

Ambos foram para a descarga do carvão com 17 anos, "porque não se podia ir mais cedo!" Até essa idade andavam a tirar sal. "Quando se ia tirar sal era-se homem; era como tirar a alternativa!" – disseram-nos estes homens.

Entre a simpatia de um sorriso e um franzir de testa causado pela estranheza das diferenças que os tempos vão depositando na memória, eles jamais esquecerão o sabor do pão que o diabo amassou.